

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

Dona Mirtes e o ladrão

O crepúsculo estava bonito, e a senhora Mirtes Paranhos, dona daquele bom restaurante de comida brasileira do fim da Rua Constante Ramos, o Petit Club, tendo visitado uma amiga na Lagoa, resolveu passear um pouco. Foi olhando as montanhas azuis que se refletiam na água, as luzes que iam se acendendo, as árvores, o céu — quando sentiu um safanão: alguém lhe arrebatava a bolsa. Dona Mirtes pôs-se a correr atrás do ladrão; êste quis atravessar a rua provavelmente para ganhar o morro, mas o tráfego de automóveis estava muito intenso. Disparou então a correr pela areia. Dona Mirtes atrás.

Temendo que alguém lhe tolhesse os passos, o assaltante acabou por en-

trar na lagoa — um evidente erro de tática. Entrou na água, mas logo depois começou a gritar, achando que ia morrer afogado. Quando conseguiu sair, esbofado, dona Mirtes lhe tomou a bolsa e o agarrou, até chegar gente para prendê-lo.

Comentário do ladrão:

— A senhora é foga!

A bomba do cinema

Pensando bem, a bomba deixada no cinema Bruni não era para estourar. Não tinha nenhum mecanismo de relógio que a fizesse rebentar a certa hora. Só explodiu porque a deixaram cair ao chão; a explosão, de resultados tão tristes, foi culpa da incrível leviandade dos empregados do cinema.

Quem deixou a bomba no interior do cinema só podia ter uma destas coisas em mira: livrar-se dela ou fazer com que a polícia a encontrasse.

No primeiro caso, algum aprendiz de terrorista arrependido a querer se desfazer do perigoso *abacaxi*. Naturalmente é estranhável que tenha escolhido para isso uma casa de diversões, mas não é absurdo.

No segundo caso alguém interessado em que a Polícia encontrasse uma bomba em um cinema, isto é, em que se divulgasse uma tentativa de ação terrorista que justificasse uma onda de repressão. Não seria absurdo que êsse alguém fôsse da própria Polícia.

De qualquer modo o primeiro efeito moral da bomba foi aquêle: o Secretário da Segurança, com uma segurança real-

mente espantosa, a acusar os comunistas de um ato que, pelo menos hoje em dia, faz parte de uma técnica reprovada pelos comunistas ortodoxos, e só é admissível em algum piroqueta alucinado.

Em todo caso é bom assinalar isto que também a mim me escapou no primeiro momento: a bomba só deveria explodir... moralmente.

Soltem os chineses

Parabéns a Roberto Marinho pela nota editorial de *O Globo* de ontem. Ali se fala dos nove chineses presos após a Revolução e se diz que "não apareceu até agora nenhuma prova que dê validade às acusações em virtude das quais foram presos" e se reconhece "a evidência da inocência dos chineses."

O que houve não foi apenas um erro, foi uma burla montada e executada de cabo a rabo com documentos forjados. De qualquer modo, o que interessa em primeiro lugar é que seja feita justiça a êsses homens, que para o Brasil vieram a convite de nosso Governo e tiveram o azar de servir de vítimas e instrumentos da "guerra psicológica" dos homens de nossa pouco honrada e nada arguta "inteligência" militar.

Êsse caso dos chineses já fez demasiado mal ao nome de nosso País no exterior. Quando se noticiar lá fora que êles foram absolvidos e soltos, podendo regressar à sua terra, o que se dirá é que ainda há Justiça neste País para corrigir os erros da Polícia.

Menos mal.

GINO MENEGETTI

Gino Meneghetti, recentemente passou um período de sua vida de 87 anos em prisão e que ainda em tempo último era novamente em S. Meneghetti — tudo faz parte da história da literatura brasileira o seu nome.

17.11.64 (20)

149